



«Os livros
de Mary foram
para mim
uma inspiração.»

Torey Hayden,
autora bestseller
de *A Criança
Que Não Queria Falar*

UMA CRIANÇA CHAMADA
AMOR

A comovente história de uma menina especial
contada pela sua dedicada professora

Mary MacCracken

Professora, especialista em distúrbios de aprendizagem

v o g a i s

Para o meu notável pai, Clifford Wilcox Burnham, e Ann

Capítulo I

— **D**á-me um minuto, Mary. Preciso de falar contigo. — A diretora tapou o telefone e acenou com a cabeça na direção da cafeteira. — Serve-te de uma chávena, já vou ter contigo.

Hesitei, equilibrando com dificuldade a pilha de livros e revistas antigas que trazia nos braços. Não queria deter-me naquele momento. Era o primeiro dia de escola e as crianças chegariam dentro de minutos. Queria ir para a minha sala, guardar aquelas coisas de última hora e certificar-me de que estava tudo pronto.

— Então, está tudo organizado? — perguntou a diretora ao desligar.

— Julgo que sim, tirando estes livros e alguns cartazes de paisagens que vou afixar enquanto os miúdos fazem umas pinturas.

As nossas crianças eram ainda mais sensíveis que a maioria ao ambiente que as rodeava. Eu não queria pressas nem atropelos quando chegassem no primeiro dia.

A diretora compreendia isto tão bem como eu. Por que razão me retinha ali, empatando-me com conversa fiada?

— Bem, Mary, eu queria dizer-te... houve uma alteração na tua turma.

— Uma alteração? Que queres dizer com isso? Que se passa? Aconteceu alguma coisa a algum dos meus meninos?

— Não, não foi nada disso. Apenas reorganizei um pouco as coisas.

Fiquei instantaneamente de pé atrás. Os eufemismos da diretora eram sempre um sinal de perigo.

— Reorganizaste as coisas?

— Sim. Ontem à noite, quando revi a formação das turmas, decidi pôr a Hannah Rosnic contigo e mudar a Carolyn...

— A Hannah Rosnic! — interrompi. — Como pode isso resultar? O Brian e o Rufus estão quase preparados para a escola convencional. O Brian tem 12 anos, este é o seu último ano connosco, e até o Jamie consegue estar sentado o tempo suficiente para ler um pouco. A Carolyn vai integrar-se perfeitamente, sei que vai. No ano passado, levámo-la em passeios connosco. Sei que ela é alheada, e as suas fantasias...

— Pus a Carolyn na turma da Ellen — interrompeu a diretora por sua vez. — Na noite passada percebi que seria exigir demasiado da Ellen ficar com a Hannah. A Ellen é demasiado nova. Está muito bem para os seus outros três miúdos e ficará bem com a Carolyn. Mas a Hannah ficará melhor contigo.

— Ouve — pedi. — Então e os rapazes? E eu nem sequer conheço a Hannah, a não ser o que ouvi dizer dela nos corredores, no ano passado. Não tenho qualquer ligação com ela. Como é que vou pôr as coisas a funcionar entre ela e os rapazes? Que te faz pensar que eles a aceitarão, para começar?

A diretora bebeu um pouco de café e acendeu um cigarro, afastando o fumo dos olhos. Tinha a mesma aparência de sempre, alegre, dinâmica, as veias grossas do seu pescoço suavizadas pelo cabelo branco escadeado.

— Já pensei nisso. Os rapazes far-lhe-ão bem, vão dar-lhe um bom equilíbrio. — Fez uma pausa e sorriu. — E a Hannah vai agitá-los um pouco, proporcionar um pouco de excitação à tua sala.

— Excitação? E precisamos de excitação para quê? Já percorremos um longo caminho, mas podemos deitar a perder tudo o que conquistámos por causa da presença da Hannah.

— Tudo é possível — disse a diretora, friamente. O telefone tocou. Ela pegou no café em que eu não tocara e na sua chávena meio vazia e voltou à secretária, acenando-me e mandando-me embora, ao mesmo tempo. — Bem, está decidido. Mando-te a Hannah quando ela chegar.

Recolhi os meus livros e revistas e fui para o corredor. Que ia fazer? Tudo o que sabia acerca de Hannah Rosnic era que chegara à nossa escola a meio do ano anterior e estivera na turma da Shirley, ao fundo do corredor. Eu vira-a no recreio: gorda, atarracada e suja, e ouvira-a gritar e uivar na sua sala de aula. Era tudo o que sabia dela, além das memórias vagas de algumas discussões nas reuniões de professores. E agora ela ia fazer parte do meu grupo de quatro!

Uma mudança de última hora, como esta, era inédita. A nossa escola destinava-se a crianças com perturbações emocionais graves. Cada um dos nossos meninos era singular, com problemas e capacidades individuais, de tal forma que o que se planeava para ajudar um deles a lidar com a raiva, a mágoa e o isolamento, era inútil para outro. Aquilo que eu preparara para Carolyn nunca resultaria com Hannah.

E, contudo, era isso que ia acontecer. Uma vez tomada uma decisão, a diretora não admitia discussão e não valia a pena sequer tentar. Se ela decidira mudar Hannah para a minha sala, era lá que ela ficaria.

Abri a porta da minha sala e fiquei imediatamente mais animada. Era uma sala bonita, virada a sul, grande, ensolarada e clara. Um dos membros do conselho diretivo conseguira que nos deixassem utilizar gratuitamente aquele edifício da igreja enquanto aguardávamos que a nossa escola nova fosse construída. Antes, esta sala da catequese estava-nos vedada. Era o orgulho da igreja, cheia de equipamento

para brincar, tapetes, mesas e até um cavalete de pintura. Uma parede inteira estava aberta à luz do sol, com cinco janelas do chão ao teto. E o melhor de tudo é que uma das portas abria para o exterior. Não há nada melhor que termos a nossa própria porta para o mundo. Em comparação com as salas frias e vazias em que ensinara antes, aquela era o paraíso.

Brian foi o primeiro a chegar. Entrou tão silenciosamente que, se eu não estivesse a olhar, não perceberia que estava ali. Chegou à porta que dava para o corredor e ficou do lado de fora, com as mãos escondidas nos bolsos, impedindo-me de perceber se tremiam. Todos os anos penso que ultrapassei o entusiasmo ridículo que sinto a primeira vez que chego à escola e vejo as crianças. E todos os anos descubro que estava enganada. É sempre o mesmo arrepio na espinha, o mesmo deleite que me põe a cabeça a andar à roda, e tenho de ter cuidado para não desatar aos saltos mortais pela sala quando as crianças chegam.

— Olá Brian, que bom ver-te. — Atravessei a sala até junto dele, aguardando que o seu sorriso leve e doce lhe aquecesse o rosto pequeno e pontiagudo.

Mas Brian não sorriu. Nem sequer entrou na sala.

— Por que estamos aqui? — perguntou. — Esta não é a nossa sala. Não era aqui que estávamos no ano passado.

É tão difícil para as nossas crianças lidarem com situações novas. O seu sentido do eu é tão ínfimo, os seus seres são tão frágeis que, quando o ambiente exterior é alterado, têm medo de eles próprios se desintegrarem.

— Escuta — disse-lhe. — Esta é a melhor sala que já tivemos. Não desdenhes do luxo. Repara, temos um armário a sério para os casacos, e não apenas ganchos na parede.

Brian deu um passo ou dois para dentro da sala e espreitou o armário dos casacos.

— Eu gostava só dos ganchos.

— E temos blocos de construção e camiões, e uma cozinha de brincar inteirinha — um fogão e um lava-loiça e mesas —, e agora, vê só, temos uma porta só para nós. Que te parece? Já não temos de passar pela secretaria quando queremos ir um bocadinho lá fora, para andar de bicicleta antes do almoço.

Brian agora já estava dentro da sala.

— Ainda temos as bicicletas?

— Claro. Até temos duas novas.

Não eram propriamente novas — tinham sido doadas pelas senhoras da igreja e pela Liga Júnior —, mas eram novas para nós.

No minuto seguinte, chegou Rufus. Estava bronzeado e com aspeto saudável, tendo obviamente passado um bom verão.

— Olá Mary — cumprimentou. — Se calhar vamos ter um gato porque já quase não sou 'légico e a mãe diz que assim que eu não for 'légico podemos ter um. — Virou-se para Brian. — E vou trazê-lo cá, Brian, para tu veres.

Rufus passeou-se confortavelmente pela sala, comentando tudo, e eu podia ver Brian a soltar-se, os seus medos a diminuírem. As crianças fazem tanto umas pelas outras sem darem por isso. A exploração de Rufus libertou Brian para dar início à sua própria inspeção, e em breve ambos os rapazes estavam sentados no chão, tirando os livros, os papéis e outros pequenos itens que eu pusera nos seus cacifos individuais.

Jamie, o último dos meus três rapazes, irrompeu pela porta e atravessou a sala, meio a correr, meio a baloiçar-se. Sentei-me imediatamente. Jamie tinha 8 anos e só estava na minha sala há um. Ainda era potencialmente explosivo e quanto mais contacto corporal tivesse nos momentos de stress, melhor. Uma sala nova logo no primeiro dia de aulas constituía muita pressão.

Um imenso sorriso apareceu na cara de Jamie quando me viu e se encaminhou na minha direção. Afastei as pernas o mais que pude para arranjar um grande colo e abri os braços. Sem qualquer cuidado ou interrupção na sua corrida desenfreada, Jamie deu um salto em voo e aterrou no meu colo.

— Olá Jamie — disse eu, abraçando-o. — Por que vieste tão tarde?

Jamie não disse nada. Raramente dizia. Limitou-se a enterrar a cabeça no meu pescoço enquanto eu o embalava para a frente e para trás. Em seguida, levantou a cabeça para respirar e, da sua posição segura, inspecionou a sala. Vendo então Brian e Rufus organizando alegremente o conteúdo dos seus cacifos e percebendo que podia ficar onde estava o tempo que quisesse, começou lentamente a desembaraçar-se de mim: primeiro um braço, depois o outro, a seguir um pé e depois o outro — uma voltinha rápida em torno da minha cadeira, de regresso ao meu colo e novo salto, desta vez para a sua própria cadeira.

Por volta das 10h00, a sala começava a ser nossa. Os rapazes tinham retirado o conteúdo dos cacifos e voltado a pôr tudo lá dentro pelo menos uma dúzia de vezes — tocando, sentindo, até mesmo cheirando, antes de se convencerem de que as coisas, de facto, lhes pertenciam. Jamie experimentara todas as cadeiras da sala antes de finalmente se instalar numa e a partir daí levá-la consigo para onde quer que fosse.

Eu despejara o cacifo de Carolyn o mais discretamente possível e estava a escrever novas etiquetas para o de Hannah e para o seu cabide no armário quando a gritaria começou. Ao princípio, era abafada; depois o ruído tornou-se mais alto e mais próximo. Houve gritos pungentes seguidos por silêncios. Depois os gritos recomeçaram, misturados com soluços profundos, de cortar a respiração.

Seria Hannah? Ela chegara? Nesse caso, onde estava? A diretora tinha dito que ma mandava quando ela chegasse. Eram 10h30. Com certeza já chegara.

No momento seguinte, a diretora estava na ombreira da porta.

— Bom dia, rapazes. — Sorriu. — Esta sala não é maravilhosa? Vejo que já estão a trabalhar no duro. Mary, posso falar contigo um minuto?

Aproximei-me da diretora. Ela baixou a voz.

— A Hannah está na antiga sala dela. Não consigo fazê-la sair de lá e vir para aqui, por isso queria pedir-te que fosses até lá ao fundo um instante.

Eu não queria ir. As coisas estavam a começar a funcionar na nossa sala; a tensão e a ansiedade começavam gradualmente a desaparecer. Mas os medos podiam voltar facilmente se os rapazes, de repente, ficassem sozinhos. Contudo, os gritos e soluços eram mais claros agora que a porta estava aberta, e isso não podia continuar.

— Ficas aqui até eu voltar? — Ela confirmou e eu fui agachar-me junto de Brian. — Bri, tenho de ir ao fundo do corredor. A diretora fica aqui até eu voltar. Não demoro, está bem?

Examinei-lhe o rosto. Ele não sorriu, mas também não houve sinais de pânico. Limitou-se a fazer que sim com a cabeça e voltou ao seu livro. A diretora sentou-se ao lado de Jamie, junto do gira-discos. Tudo parecia estar bem.

Fechei a porta e fiz figas, mentalmente; tanta coisa dependia do primeiro dia. Se as crianças comesçassem a sentir-se seguras e relaxadas na sala e umas com as outras, poderia poupar-se muito tempo.

O corredor já não estava silencioso, mas sim repleto dos agradáveis sons da escola: cadeiras a serem arrastadas pelo chão, gira-discos a funcionar em diferentes volumes, portas a abrirem-se e a fecharem-se, professores a falarem

suavemente, algumas vozes de crianças, um risinho. Só os gritos de Hannah cortavam o ar, dividindo o tempo em segmentos curtos e dolorosos.

Detive-me e olhei pela janela da sala das traseiras. A nova professora, Ellen, trancara a porta, e eu desejei não ter vindo. Aquela era a sala onde eu começara a ensinar quando fora contratada como substituta, cinco anos atrás. Fiquei do lado de fora, lembrando-me de como era inexperiente. A minha primeira ação fora destrancar a porta e a segunda cair de borco quando tentava segurar uma criança fugitiva. Mas ambos aprendemos a lição, e a porta permaneceu destrancada. As trancas e as jaulas não são para crianças, e eu senti mágoa e frustração ao ver a porta novamente trancada.

Enquanto observava através da janela, percebi que Hannah se barricara dentro do parque infantil de madeira que estava num canto. Agarrava-se às barras, alternando gritos com soluços, o rosto contorcido de dor ou de raiva, ou talvez de medo. As outras crianças olhavam-na boquiabertas e, quando se aproximavam, ela metia as mãos através dos degraus de madeira e batia-lhes.

Bati à janela. Ellen ergueu os olhos e o seu rosto redondo e doce inundou-se de alívio ao correr para a porta, que destrancou para eu entrar.

— Que feliz estou por te ver — disse. — Isto já dura há mais de uma hora. Nada resulta. Parece que a Hannah fugiu à diretora hoje de manhã e correu para aqui. Julgo que esperava encontrar a professora do ano passado, porque quando me viu ficou furiosa, gritando e puxando-me a roupa, como se esperasse ver a professora antiga por baixo dela. Acabou por desistir e trepar para o parque e agora não deixa ninguém aproximar-se. — Ellen baixou a voz. — Ouve, Mary, tens de a tirar daqui. Está a assustar horrivelmente os outros miúdos. Já experimentei tudo o que me lembrei e ela está cada vez pior.

Olhei para Hannah. Parecia mais pequena do que eu me lembrava, mas o que Ellen dissera era verdade — estava a ficar pior. Os soluços e gritos eram mais altos e profundos que nunca. Como conseguia fazer aquilo durante tanto tempo? Apesar de tudo, senti admiração por ela. Algures dentro daquela criança devia existir uma força tremenda.

Dirigi-me ao parque infantil, não muito certa do que ia fazer, tentando apenas «sentir» Hannah. A ideia de a ter na minha sala tinha-me causado alguma ansiedade — com Carolyn teria sido muito mais fácil. Ainda assim, ela ia ficar connosco, e eu tinha de a conhecer. Como seria chegar e descobrir que a sua professora se tinha ido embora, quando pensara encontrá-la ali? Como seria ter 8 anos e estar magoada, zangada e confusa? Se eu fosse Hannah, o que desejaria, de que precisaria?

Quando me aproximei, Hannah começou a bater com os pés. Como se as suas cordas vocais já estivessem a produzir todo o barulho que podiam e agora, perante um novo perigo, ela precisasse de mais uma fonte de ruído.

Dois dos lados da estrutura do parque infantil estavam encostados às paredes. Hannah estava agarrada ao terceiro lado, abanando-o e batendo os pés. Sem qualquer plano, eu subi pelo quarto lado.

Hannah parou de gritar e eu aproveitei-me da sua surpresa para chegar lá acima, longe dos seus dedos que atacavam como garras. Deitei-me na plataforma superior, tentando ouvir com todo o meu ser e não apenas com os ouvidos. Nada. Lá de baixo não vinha som algum. Inclinei-me sobre a plataforma e lá estava Hannah, curvada, a cabeça encostada às grades, enormes pedaços de pastilha elástica cor-de-rosa colados aos cabelos vermelho-dourados. Falei para a parte de trás do seu pescoço pequeno e sujo.

— Olá, Hannah.

Não houve resposta, ela nem sequer se mexeu, mas eu sentia que me ouvira.

— Ouve — continuei. — Esta não é a tua sala. Vais ficar connosco na sala ao fundo do corredor, do outro lado. Temos estado lá à tua espera.

Hannah não emitiu qualquer som, mas virou um bocadinho a cabeça. Prossegui.

— A Shirley, a tua professora do ano passado, não se queria ir embora. Ela gostava da nossa escola e gostava de te ensinar. Mas o marido estava a estudar para ser médico e mandaram-no para um hospital muito longe e ela teve de deixar de ensinar aqui para ir com ele.

Os músculos do meu pescoço começavam a ficar cansados por ter a cabeça pendurada sobre o extremo da plataforma, e eu só queria descer e ficar ao lado dela, vê-la mais de perto, talvez mesmo segurar o seu corpo sólido e deixar que alguma da sua raiva se libertasse. Mas Hannah não parecia nada preparada. Eu tinha de esperar.

De repente, ela virou-se e torceu o corpo e o pescoço para me espreitar. Por um instante, ficou pendurada fora das barras de madeira, com a cara virada para cima, e depois desapareceu. Saiu do parque infantil e transpôs a porta que Ellen deixara destrancada quando eu entrara. Eu desci também rapidamente e segui-a pelo corredor. A porta da sala de Ellen bateu atrás de mim e a tranca foi colocada.

Hannah correu para trás e para a frente no corredor, como um rato gordo num labirinto. Usava um vestido de algodão, de mulher, daqueles de trazer por casa, atado na cintura com uma fita. O vestido chegava-lhe aos pés calçados com uns pesados sapatos castanhos e ela tropeçava de um lado para o outro, batendo contra as paredes, soltando uivos constantes. Quando se virou para mim, vi que tanto o seu rosto como a parte da frente do vestido estavam molhados — de lágrimas, ou suor, ou talvez as duas coisas.

Abriu a porta da nossa sala, mais por acaso que de propósito. Os rapazes e a diretora puseram-se de pé ao mesmo tempo quando ela entrou. Eu estava apenas um passo atrás e fechei a porta. Precisávamos de um pouco de espaço e de tempo para nós.

Era difícil dizer quem estava mais assustado: se Hannah, se os rapazes. Olharam-se mutuamente em silêncio, até a diretora dizer alegremente:

— Muito bem, Hannah, vejo que encontraste a tua sala. Muito bem. Agora que estamos todos instalados, vou voltar ao meu trabalho. O telefone nunca para de tocar, tenho mil coisas para fazer. Bom dia para vocês.

A diretora desaparecera da sala antes de qualquer de nós ter tempo para se mexer mas, assim que a porta se fechou, Hannah correu para ela. Brian e Rufus tinham-se abraçado diante da porta que dava para o exterior. Jamie choramingou, correu para mim, junto da outra porta, e enterrou a cabeça nas minhas pernas. Sem qualquer propósito, tínhamos formado uma barricada junto das portas. Hannah não tinha saída. Gostasse ou não, estava connosco.

Hannah recuou e experimentou uma corrida para a porta do corredor, mas eu apanhei-a de passagem.

— Apanhei-te. Já chega, está bem?

Disse isto tanto para dar confiança aos rapazes quanto para travar Hannah mas, embora possa ter ajudado os rapazes ouvirem um tom familiar na sala, o mesmo não aconteceu com ela. Escorregou dos meus braços para o chão, pôs-se de gatas dentro do seu comprido vestido e, com um som plangente, começou a balançar-se para trás e para a frente, como um bebé atormentado num berço.

A segurança que tínhamos começado a construir, desapareceu. Perturbação, trauma, violência e medo tinham invadido a nossa sala. Lancei um palavrão silencioso na direção da diretora ausente, mas não serviu de nada. Ela

partira; Hannah estava ali. De alguma maneira teríamos de avançar.

Virei-me para os rapazes.

— A Hannah vai ficar na nossa sala este ano. Ela sente-se mal porque tem saudades da outra professora e por outras coisas. Vamos levar algum tempo a habituar-nos uns aos outros, mas vai ficar tudo bem. Só precisamos de algum tempo. Agora vamos fazer coisas. Rufus, Brian, tragam os vossos livros para aqui e vamos decidir em que trabalharemos.

Enquanto falava, ouvi um estrondo seco e virei-me para Hannah. Ela não estava só a baloiçar-se, estava a bater com a cabeça, erguendo-a para depois a atirar com força contra o chão de mosaicos pretos. Eu sabia que essa parte era para nos testar mas, em parte, também era uma tentativa de destruir os seus tormentos íntimos.

Sentei-me no chão ao lado dela e pus a perna sob a sua cabeça, para amortecer os choques.

— Não. Nesta sala não te magoas a ti mesma, nem magoas ninguém. E ninguém te vai magoar. Podes baloiçar-te, se tiver de ser, mas nada de bater com a cabeça.

Ela voltou a baixar a cabeça, atirando-a com força contra a minha coxa — e então, quando soou o toque do meio-dia, ficou repentinamente quieta. Ficámos sentadas sem falar. Encostei-me à parede, com Hannah estendida, inerte e alagada em suor, encostada à minha perna, enquanto os três rapazes nos observavam em silêncio do outro lado da sala.

Capítulo 2

Jamie foi o último a sair da sala nesse primeiro dia. Estávamos ambos moles de emoção e calor, e sentámo-nos numa cadeira junto da janela, à espera do autocarro dele. Mas, assim que o motorista chegou e ele ficou em segurança dentro do autocarro, eu fui à secretaria, abri o arquivo e tirei o dossiê de Hannah.

A diretora estava no gabinete, um oásis de calma no meio de motoristas confusos, mães ansiosas e professoras cansadas. Ali ela estava no seu melhor, acalmando e, ao mesmo tempo, incentivando. Fundara a escola há 15 anos e trabalhara cada ano mais arduamente, angariando dinheiro para manter as portas abertas, elevando os padrões, gerindo a cada vez mais intensa publicidade e as longas listas de espera de crianças. Finalmente, após a morte do marido, a escola tornara-se a sua vida. Durante anos, funcionara em edifícios alugados e emprestados, mas agora o sonho tornara-se quase realidade: dentro de poucos meses teríamos terreno para um edifício novo e espaçoso, construído de acordo com as suas indicações. Nada lhe escapava, e acenou-me com a cabeça quando levei o dossiê de Hannah para a tranquilidade da minha sala.

Abri-o sobre uma das mesas junto das janelas abertas. Pequenas correntes de ar agitavam-se através da sala e reviravam as pontas das folhas. Eu estava ansiosa por ler os

relatórios, esperando descobrir o que acontecera para tornar Hannah tão zangada, tão assustada. Parecia mais um animalzinho jovem que uma menina. Por que não deixava ninguém aproximar-se dela? De onde vinham a raiva e a autodestruição?

A pasta continha um formulário de inscrição na escola, preenchido pela Sra. Rosnic, uma ficha sanitária do pediatra, um relatório do diretor da escola pública que Hannah frequentara, um relatório conjunto de um psicólogo e de um assistente social de uma clínica de saúde mental e um relatório final de outro psicólogo da escola pública, além de meia página com o relatório de fim de ano feito pela professora do ano anterior. A partir daí, reconstituí gradualmente a história de Hannah.

Nascera oito anos antes num hospital em Nova Iorque. Desde o início, a sua vida estivera repleta de violência. Chorara constantemente nos seus primeiros dias e noites, comendo pouco e acabando por se recusar completamente a comer. Em desespero, a Sra. Rosnic levava-a ao hospital onde ela nascera. Descobriram uma obstrução intestinal que causara o bloqueio da comida e desidratação. Hannah foi operada e ficou internada várias semanas. Quando voltou para casa, conseguia comer e deixou de gritar tanto, mas balançava-se para a frente e para trás no berço, batendo com a cabeça na cabeceira. O irmão, Carl, três anos mais velho, estava ressentido com o bebé novo. Um dia, pouco depois de Hannah voltar do hospital, a Sra. Rosnic fora dar com ele a bater repetidamente na cabeça da irmã. Apesar de tudo, ela cresceu. Começou a andar aos 13 meses e aos 2 anos completou o treino da casa de banho. Contudo, a mãe continuara a alimentá-la a biberão até aos 3 anos e, apesar de não se ter feito nenhuma conexão, pareceu-me pertinente Hannah não ter tentado falar até então. O seu discurso consistia em grunhidos e monossílabos que só a mãe entendia.

Quando tinha 4 anos, a família mudara-se para a cidade industrial decrépita onde ainda vivia. Ocupavam uma casa para duas famílias na parte arruinada da cidade. O pai da Sra. Rosnic vivia no rés do chão, os Rosnic habitavam o andar de cima.

O pai de Hannah era um homem estranho e brutal, certamente torturado por males físicos e emocionais. Os registos mostravam que, ao longo dos anos, entrara e saíra de instituições de saúde mental, sempre a gritar e a maltratar os filhos quando estava em casa. Mais tarde, ficara confinado a uma cadeira de rodas, de onde ralhava com o mundo e todos os seus habitantes. Morrera da mesma forma bizarra como vivera. Levantando-se de repente da cadeira de rodas no funeral da sua mãe, fora acometido de um ataque cardíaco e falecera no dia seguinte, dois anos antes de Hannah ir para a nossa escola.

Quando o marido faleceu, a Sra. Rosnic estava grávida de um terceiro filho. Com 30 e poucos anos, viúva, com poucos recursos e sem formação profissional, com um pai doente e exigente, dois filhos pequenos e outro a caminho, ela própria adoeceu com uma enorme depressão.

Procurou ajuda junto da sua igreja, onde a puseram em contacto com um centro de saúde mental comunitário. Aí, foi entrevistada conjuntamente por um assistente social de psiquiatria e um psicólogo, que a avaliaram como um «intelecto vivo e normal, com boa capacidade de julgamento e perspetiva, mas com um sentimento de ser incapaz de enfrentar as dificuldades».

Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro enquanto lia. Quem não se sentiria «incapaz de enfrentar as dificuldades» em semelhantes condições? O relatório prosseguia, sombrio e sem compaixão. Carl, o irmão de Hannah, era descrito em duas curtas frases, como tendo «um problema de ajustamento, com a invulgar fobia de

temer a chave de um relógio antigo». Hannah era descrita como um «indivíduo caucasiano do sexo feminino, sete anos de idade...»

Pousei o relatório, sentindo ódio daquela linguagem artificial. Quem conseguia escrever aquilo? E porquê? Era para impressionar alguma audiência invisível, ou era mesmo assim que os psicólogos tinham sido ensinados a escrever relatórios? Hannah era uma menina valente, triste e sólida, de olhos azuis e cabelo vermelho-dourado. Como eram capazes de escrever «indivíduo caucasiano do sexo feminino, sete anos de idade»? Por que é que as pessoas colocavam etiquetas em vez de olharem para uma criança? Pouco importava. Tinha de esquecer a raiva. Não me ajudava naquele momento.

«... indivíduo caucasiano do sexo feminino, sete anos de idade, exibindo um comportamento inquieto, com discurso ininteligível, consistindo principalmente em grunhidos. Capacidade de julgamento e *insight* extremamente pobres. Diagnóstico: Psicose. Doença cerebral orgânica *versus* esquizofrenia.»

Parecia-me um diagnóstico perigoso e presunçoso, baseado apenas numa pequena entrevista. Procurei informação mais concreta nas páginas que restavam. Fora feito um eletroencefalograma e, visto estar dentro dos padrões normais, Hannah fora posta numa turma de jardim infantil, à experiência. Experiência que não durara muito. Não tardou que começasse a receber instrução em casa, devido ao seu «comportamento perturbador». As datas dos relatórios eram confusas, mas deve ter sido um período bastante sombrio e duro para a Sra. Rosnic e para toda a família.

Abanei a cabeça. Não admirava que os professores da nossa escola raramente se queixassem. Fossem quais fossem os nossos problemas, eram pequenos em comparação com os das nossas crianças e das suas famílias.

O céu de fim de tarde estava escuro e o ar impregnado do cheiro bafiento da chuva. Pelo menos amanhã estaria mais fresco. Amanhã? O amanhã não tardaria a chegar e eu ainda tinha muito que fazer antes da manhã seguinte. Acendi a luz e li rapidamente as páginas que faltavam.

A gravidez da Sra. Rosnic chegara ao fim do termo e Hannah nascera, uma saudável rapariga de mais de três quilos e meio. Recebera a sua instrução em casa até termos lugar para ela na nossa escola; depois, um último exame psicológico na escola pública. Dizia este que Hannah, uma criança agressiva com uma profunda patologia subjacente, parecia viver completamente num mundo que era só dela. «Esta criança deve ser vista como uma ameaça para as outras crianças.»

O céu foi atravessado por relâmpagos. Já não estava ninguém na escola e eu sabia que devia apressar-me.

Como poderia uma criança crescer num sítio onde era vista como uma ameaça? Havia apenas uma nota positiva no relatório: o psicólogo notara que os desenhos de Hannah revelavam uma «mentalidade acima da média».

Bem, talvez fosse por aí que eu devia chegar até ela, através da sua mente e da sua inteligência. Mas como podia chegar lá? Nos seus 8 anos de vida ela já combatiera tantos inimigos e vira mais dor e crueldade que a maioria de nós em toda a nossa vida. A sua mente devia estar selada por trás de muitas camadas — ela precisara de construir paredes espessas para sobreviver até agora.

Lá fora, a chuva caía com força no alcatrão. Fechei as janelas e li a página que me faltava. O relatório da professora de Hannah do ano anterior descrevia-a como uma rapariguinha triste e perturbada, incapaz ou sem desejo de usar os utensílios para comer, dada a longos ataques de choro e a birras, com um discurso que consistia numa mistura ininteligível de consoantes mal articuladas e cujas ações,

contudo, demonstravam uma aguda consciência do seu ambiente. Mantivera-se difícil e um elemento de perturbação ao longo de todo o ano, mas tinha havido algumas melhorias e, gradualmente, desenvolvera-se um *rapport* entre ela e a professora.

Devia ter sido um golpe cruel para Hannah voltar esta manhã e descobrir que a sua professora partira, que a sua primeira aparência de segurança desaparecera. Qualquer centelha mínima de esperança, que se tivesse mantido viva dentro dela, devia ter cedido ao desespero.

Guardei o relatório na prateleira de cima do meu armário e saí pela minha porta. Detive-me no degrau e observei os pequenos riachos de chuva que passavam por mim; depois tirei os sapatos e corri pela rampa até ao parque de estacionamento, descalça. Quando cheguei ao carro, fiquei quieta por um momento, antes de entrar. O meu vestido e os cabelos já estavam encharcados e sentia a chuva fresca e limpa no rosto e nos braços. Desejei que me refrescasse também a cabeça e o coração. Hannah traria bastante paixão à nossa sala. Precisaria de uma professora lúcida, estável e forte. O que eu tinha de fazer, e o mais depressa possível, era marcar uma reunião com a Sra. Rosnic, para podermos falar. Havia tantos fatores complicados na história de Hannah: a operação, o isolamento no hospital, as pancadas na cabeça, o pai brutal, o biberão durante tanto tempo. Estava tão confusa como quando começara.

MAIS DE 1 MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

«Um excelente retrato de uma professora carinhosa a tentar integrar na sociedade uma menina selvagem.»

DAILY EXPRESS

Mary MacCracken, professora especializada em distúrbios de aprendizagem, colocava sérias reservas em receber na sua sala uma nova aluna, Hannah, de 8 anos. Os três rapazes de que se ocupava estavam a fazer progressos assinaláveis e a vinda de Hannah, considerada imensamente problemática, poderia deitar por terra todos esses avanços.

Nas duas primeiras semanas, Hannah refugiou-se num armário, recusando-se a sair. Os seus berros constantes compunham um quadro com os piores sintomas que Mary alguma vez vira.

Como poderia a professora ajudar uma criança habituada a ser tratada como um animal, enclausurada na própria casa e espancada pelo pai e o irmão? O que poderia dizer e o que haveria de fazer para ajudar aquela menina perdida?

Reconhecendo a enorme força interior que habitava no fundo de Hannah, Mary dedicou todo o seu amor, paciência e engenho a uma longa e incrível viagem de recuperação que encetou com a sua aluna.

Esta é a comovente história real de Hannah, uma criança maltratada, perdida num mundo de sofrimento e solidão, e da professora extraordinária que a conseguiu resgatar para a vida.



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.vogais.pt

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-341-2



9 789896 683412

Biografias/Memórias